

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

AUTO-ORGANIZAÇÃO: UMA PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL JUSCELINO KUBITSCHKE

Adrieli Berkembrock¹
Letícia Vassoler²

RESUMO: A construção da auto-organização é uma atividade que procura romper com a passividade na prática educativa característica da escola convencional e que, historicamente, não prevê atividades em que os alunos tenham responsabilidades diretas no planejamento, na realização e nos encaminhamentos. Os princípios da auto-organização podem potencializar práticas educativas que acrescentam responsabilidade, cooperação, sociabilidade, solidariedade e vida coletiva entre os alunos, professores, escola e comunidade. A auto-organização das crianças e pré-adolescentes não deve ser vista como um jogo, mas, sim, como uma necessidade formativa, uma ocupação séria de quem está encarregado de responsabilidade sentida e compreendida. Cabe considerar que uma iniciativa dessas requer comprometimento por parte dos envolvidos, seja educadores, educandos, gestores ou a comunidade escolar, tal como vem se desenvolvendo na Escola Municipal Juscelino Kubitschek, escola do campo do município de Francisco Beltrão-PR.

Palavras-chaves: PIBID. Pedagogia. Auto-organização. Autonomia. Cooperação

Introdução

O ingresso na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no ano de 2014, proporcionou-nos a oportunidade de participar do Projeto PIBID- Pedagogia (Programa Institucional Brasileiro de Iniciação a Docência). Aceitamos o desafio de conduzir e acompanhar a prática de auto-organização na Escola Municipal Juscelino Kubitschek, caracterizada como escola do campo, e que oferta a modalidade de educação infantil e ensino fundamental I, no período vespertino, e fundamental II, no período matutino. A auto-organização é realizada com os alunos de 6º a 9º anos, e possui atividades específicas com a intenção de desenvolver a formação nos aspectos de responsabilidade, cooperação, sociabilidade, solidariedade e vida coletiva entre os alunos, professores, escola e comunidade. Com o início de nossas atividades na escola, passamos a ser os principais responsáveis por planejar as ações de assembleias de turmas e os dispositivos pedagógicos de acompanhamentos das atividades realizadas pelos alunos.

O modelo de escola e de ensino que conhecemos presente na grande maioria das escolas tem o professor como o único orientador de todo o trabalho pedagógico, com a função de planejar e direcionar a totalidade das ações de sala de aula. Essa forma de ensino atribui ao professor funções de resolver conflitos entre os alunos, participar e representar as turmas nos conselhos de classe e responsabilizar-se pela organização das atividades extracurriculares. Nessa perspectiva, os alunos encontram-se, geralmente, em

¹ Bolsista do PIBID, Subprojeto Pedagogia/Unioeste, Campus de Francisco Beltrão, e acadêmica do 1º ano Noturno do Curso de Pedagogia. Email: adrieli_gesser@hotmail.com

² Bolsista do PIBID, Subprojeto Pedagogia/Unioeste, Campus de Francisco Beltrão, e acadêmica do 1º ano Noturno do Curso de Pedagogia. Email: letiicia_vassoler18@outlook.com

uma situação de passividade, pois esse modelo educativo não abre espaço à instauração da autonomia e disposição dos estudantes para a apropriação do conhecimento e formação e para interferir e colaborar na construção da escola.

Alguns fundamentos teórico-práticos da auto-organização

A prática de auto-organização dos alunos fundamenta-se, teoricamente, nos estudos de Makarenko (2005) e Pistrak (2005), clássicos da pedagogia socialista, e nos quais a escola baliza uma prática em construção, visando à formação dos sujeitos. Para executá-la, é definido um âmbito do trabalho escolar efetivado um processo de sistematização das informações, a partir de “dispositivos pedagógicos”, que são instrumentos de coletas de informações junto aos alunos, e são, também, organizadas “assembleias de turmas”. Para que essas práticas não se tornem artifícios para a perda de aula e dispersão do conteúdo curricular, o que pode torná-la um “incômodo” para o professor, é preciso que se crie um coletivo infantil, pois se acredita que a auto-organização só acontece quando se tem clareza dos objetivos e fins das ações a serem desenvolvidas. Sobre esse coletivo, Pistrak destaca:

O ensino escolar, como se faz normalmente, não é agradável às crianças, não as atrai, não cria nelas uma tendência interior a se formar, sobretudo se não compreendem os objetivos deste ensino. Mas, mesmo que o trabalho de ensino seja excelente, não é capaz de criar, por si mesmo, suficientes interesses para o estabelecimento de um sólido coletivo infantil. A escola só permitirá um amplo desenvolvimento e uma coesão íntima do coletivo das crianças no momento em que for o lugar (e o centro) da vida infantil, e não apenas o lugar de sua formação; nós nem chegaremos a dizer que ela deve ser o lugar de sua formação, se esta palavra não exprimir a ajuda que se deve dar às crianças para que cresçam e assumam sua própria educação, reduzindo-se simplesmente à influência educativa do pedagogo sobre determinada criança (PISTRAK, 2005, pp.177-178).

A auto-organização, entendida como uma prática em construção vai se estruturando, na medida em que cresce o repertório de questionamentos sobre o planejamento escolar, relacionamento professor e alunos e ao mesmo tempo, amplia, também, a necessidade de auto-organizar a escola e o ensino.

Para que esse modelo aconteça, é preciso construir condições preliminares iniciais. A primeira refere-se ao momento de iniciação dessa prática, que não pode ser implantada de forma repentina, com todas as estratégias formadas e pensadas pelo corpo docente. Pelo contrário, deve nascer partindo da necessidade que os agentes da escola, principalmente os alunos, sentem em mudar e transformar esse ambiente. Segundo Pistrak, o trabalho “deve ser organizado de modo que o ensino seja compreendido pelo espírito das crianças como uma ação importante para sua vida. Só então o trabalho de formação se tornará uma necessidade para a criança, servindo à auto-organização”

(PISTRAK, 2005, p.181).O autor refere-se, também, à postura do pedagogo ou responsável pelo acompanhamento desse processo, argumentando que:

É preciso dizer francamente, sem o auxílio dos adultos, as crianças podem, talvez, se organizarem sozinhas, mas são incapazes de formular e de desenvolver seus interesses sociais, isto é, são incapazes de desenvolver amplamente o que está na própria base da auto-organização. Acrescentaríamos que o pedagogo não deve ser estranho à vida das crianças, não se limitando a observá-la. Se fosse assim, de que adiantaria nossa presença na escola? Exclusivamente ao ensino? Mas, de outro lado o pedagogo não deve se intrometer na vida das crianças, dirigindo-a completamente, esmagando-as com sua autoridade e poder. É preciso encontrar a linha de comportamento justa, evitando, sem dúvida, o esmagamento da iniciativa das crianças, a imposição de dificuldades a sua organização, mas permanecendo, de outro lado, o companheiro mais velho que sabe ajudar imperceptivelmente, nos casos difíceis, e, ao mesmo tempo, orientar as tendências das crianças na boa direção. Para falar de forma mais concreta, isto quer dizer que é preciso suscitar nas crianças preocupações carregadas de sentido social, ampliá-las, desenvolvê-las, possibilitando às próprias crianças a procura das formas de realização (PISTRAK, 2005, pp. 181-182).

Essa estrutura de auto-organização visa a formar indivíduos autônomos, responsáveis, dinâmicos, participativos, críticos, solidários e organizados, pessoas que se comprometam em pensar um novo ensino, uma nova forma de tomada de decisões sobre a escola, agentes no processo de construção das práticas escolares.

AS PIBIDIANAS E A PRÁTICA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO NA ESCOLA

616

Inicialmente, conhecemos esse processo, participando, juntamente com a coordenadora pedagógica, da primeira assembleia de turma, realizada no início do ano letivo, com os alunos do 6º ao 9º anos do ensino fundamental II. Naquele momento, apresentamo-nos como ajudantes/orientadoras da prática da auto-organização, colocando-os como agentes responsáveis para realização das propostas e objetivos que o coletivo de alunos trouxesse referentes à escola e ao ensino.

As turmas se diferenciam na forma de trabalho e de se relacionar uns com os outros. Exemplos claros dessa diferença são identificados no enfoque e importância que os alunos estabelecem com o estudo e com relação a seus colegas de classe. Algumas turmas, por já compreenderem-se como um coletivo, adotaram um sistema de “padrinhos” e “afilhados”, pelo qual se organizam em dupla, e cada padrinho se mostra responsável em ajudar o seu colega em suas dificuldades referentes aos conteúdos e atividades do dia a dia escolar, momentos em que acontece uma troca simultânea de conhecimento e experiências. Ao realizarem-se as assembleias de turmas, os alunos participam ativamente e trazem à tona todas as suas aflições e propostas.

Outro momento muito significativo e importante são as Assembleias Gerais de todo o coletivo de alunos. Os discentes são desafiados a repensar a organização dos

aspectos físicos e pedagógicos, pela proposição de soluções para os requisitos que não estão de acordo com aquilo que almejam da constituição da escola. O primeiro movimento é de proposição de pontos de debate, e em poucos minutos obtém-se uma lista de assuntos, como: recreio, lanche, aulas, o espaço físico das salas, aulas de literatura/informática, professores, festas, gincanas e atividades interseríeis, entre outros. Depois de muito diálogo e confronto de ideias e opiniões, ao final do período, os estudantes entram em acordo, e obtém-se proposições de mudança e melhoria sobre todos os assuntos apontados.

O processo de auto-organização é constituído de modo progressivo com os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, como, por exemplo, garantindo que os “dispositivos pedagógicos” e a “assembleia de turma” sejam melhor e de modo constante aplicados com os alunos do 2º ciclo (4º e 5º anos); e, com a Educação Infantil e o 1º ciclo (1º, 2º e 3º anos), os princípios da auto-organização são potencializados em atividades mais autônomas de organização social e de aprendizagens. Um exemplo dessa iniciativa é a forma de ensino adotada pela escola, o trabalho com a metodologia de projetos, que implica a maior participação dos alunos na organização e realização das práticas.

CONCLUSÃO

Trabalhar no coletivo não é uma prática fácil de realizar, exige muita perseverança, comprometimento, responsabilidade e ação, por parte dos sujeitos envolvidos. As estratégias só acontecem quando a auto-organização não é vista como um jogo, mas como uma necessidade, uma ocupação séria que está encarregada de responsabilidade sentida e compreendida. Com suas ações nessa perspectiva, a prática da Escola Municipal Juscelino Kubitschekavança e busca delinear uma proposta construída com os que pensam, fazem e transformam a escola do campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAKARENKO, Anton Semiónovitch. **Poema pedagógico**. São Paulo, SP: Editora 34, 2005.

PISTRAK, Mosey Mikhaylovich. A auto-organização dos alunos. In: PISTRAK, Mosey Mikhaylovich. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo-SP: Expressão Popular, 2005.